

**ZUMBI E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA:  
UMA ANÁLISE SOBRE A HISTÓRIA EM QUADRINHOS  
“ZUMBI – A SAGA DE PALMARES”**

**ZUMBI AND FORMATION OF BLACK IDENTITY: AN ANALYSIS  
ON THE COMICS "ZUMBI - THE SAGA OF PALMARES"**

Vinícius FINGER\*

**Resumo:** O objetivo deste artigo é realizar uma análise do personagem de Zumbi encontrado no álbum em quadrinhos “Zumbi - A Saga de Palmares” e sua relação com os princípios, ideologias e políticas que embasaram os movimentos antirracistas ao longo do século XX. Analisa também os modos de construção da figura de Zumbi, através das narrativas propostas pelo Movimento Negro Unificado. Apresentando uma síntese dos movimentos antirracismo mais representativos no Brasil durante o século XX.

**Palavras-chaves:** Zumbi – Palmares – MNU.

**Abstract:** The aim of this article is to analyze Zumbi’s character found in the comic book "Zumbi - The Saga of Palmares" and its relationship with the principles, ideologies and policies which based anti-racist movements throughout the twentieth century. It also analyzes the forms of formation of the figure of Zumbi through the narratives proposed by the Unified Black Movement (Movimento Negro Unificado). It presents a summary of the most significant anti-racism movements in Brazil during the twentieth century.

**Keywords:** Zumbi – Palmares – MNU.

### *Introdução*

A adoção da data de 20 de novembro como Dia da Consciência Negra no ano de 1971, revela como se alteraram as interpretações sobre o racismo no Brasil durante o século XX. A subsequente organização do Movimento Negro Unificado - MNU, que também adotaria a data, se embasa em teorias mais radicais quanto às relações raciais no país. O MNU se organiza numa nova proposta de organização política comprometida com a causa antipreconceito. Defendendo a existência dentro da sociedade de linhas de cor rígidas, que separariam por raças socialmente constituídas a população, o MNU tem como uma de suas propostas principais a criação de políticas voltadas para a defesa das comunidades negras inseridas na sociedade. Constrói-se desde então um ideal de luta contra o racismo e resistência frente à opressão da tradição de branqueamento. Onde “o

---

\* Graduado em História – Mestrando – Programa de pós-graduação em Educação – Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, CEP: 96815-900, Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul – Brasil. E-mail: [vfinger2@bol.com.br](mailto:vfinger2@bol.com.br)

mito de Zumbi dos Palmares configura-se, então, como ruptura com uma tradição estruturadora do pensamento e das relações sociais” (CAMPOS, 2008, p. 234).

Os relatos sobre Zumbi dos Palmares nunca formaram uma narrativa única. Estas narrativas históricas inseridas em uma tradição de pesquisas e ensaios que tendiam a exaltar a união nacional e o convívio pacífico das raças no Brasil passaram a ser criticadas pela militância negra. Tanto pelo viés das pesquisas marxistas quanto pelo viés das pesquisas culturais. Com a ocasião da promulgação da Lei 10. 639 e as novas determinações de ensino de história propostas pelo governo, uma nova posição foi adotada referente à história africana e afro-brasileira no país. Um entendimento da história brasileira que dá destaque evidente, a figura de Zumbi, o mais conhecido personagem histórico negro do país.

É conhecida a relação entre movimentos políticos e a produção de narrativas históricas - haja vista o exemplo da construção heroica na figura de Tiradentes. Este esquecido revolucionário do Brasil colônia, na ocasião da proclamação da república, foi alçado a uma posição de destaque na historiografia nacional. Ganhando ares de herói martirizado da liberdade e da república, Tiradentes passou a ser positivado como representante do espírito republicano nacional nas narrativas históricas desde então (CALLARI, 2001, p. 76). Essa construção de uma figura do passado está amplamente relacionada à necessidade de um novo modo de governo ou de proposta política para se afirmar como legítima. Foi nesse sentido, que se deu mais recentemente a constituição do mito de Zumbi dos Palmares.

#### *Movimentos políticos em defesa do negro no Brasil*

Nas primeiras décadas do século XX, organizaram-se diversos movimentos pan-africanistas no mundo ocidental. Em um período de eclosão de movimentos similares como o pan-islamismo ou o pan-arabismo etc., em 1900 foi organizado a 1ª Conferência Pan-Africana, na Inglaterra. Contudo, foram os congressos subsequentes, organizados por W.E.B. Du Bois durante os anos de 1919 e 1927, que conseguiram atingir um público mais abrangente e estabelecer posições mais enérgicas quanto ao colonialismo europeu na África.

Embora se note no começo do século XX uma falta de grupos políticos ou movimentos sociais especificamente antirracistas no Brasil é reconhecida a organização de uma imprensa negra no país. Jornais como *O Menelik* (1916), *O Bandeirante* (1918),

*O Alfinete* (1918), *A Liberdade* (1919), *O Kosmos* (1924), *O Elite* (1924) entre outras organizações espalhadas pelo país, são apenas exemplos de publicações comprometidas com a defesa da população negra. A imprensa negra, os clubes sociais ou as associações recreativas organizadas, tinham por princípio o incentivo da educação como um modo de inclusão social. Diante de uma população de ex-escravizados, onde se disseminavam doenças como a tuberculose e o alcoolismo, as organizações objetivavam também a inclusão destes no mercado de trabalho.

O que de certo modo, explica os ataques da maioria destes jornais aos migrantes europeus que aqui, segundo estes, roubavam o trabalho dos ex-escravos. Clamava-se por uma verdadeira igualdade social que colocasse em prática os princípios da abolição. Através da educação, também se tentava desassociar do indivíduo negro as características pejorativas que lhe eram atribuídas pela ciência da época. Muito se falavam entre as páginas desses jornais, sobre como evitar práticas sociais que denegrissem a imagem negra, como o alcoolismo ou a violência social. De modo que estes eram os únicos espaços para qualquer tipo de protesto político contra o preconceito.

Os objetivos das organizações de imprensa negra de então, de apresentar características positivas das comunidades negras que pudessem acrescentar aos princípios da nação, eram conduzidos paralelamente à movimentação política nacionalista de então. Por crerem ou em um determinismo biológico ou numa continuação dos males da escravidão, “a verdade é que essas lideranças negras não apenas acreditavam em tais explicações, como não aceitavam também que tais estereótipos tivessem fundamento” (GUIMARÃES, 2002, p. 92). A despeito desses conceitos ultraconservadores, que devemos lembrar serem na época muito comuns, percebe-se a organização de um discurso político ou mesmo a formação de uma consciência de grupo por parte da população negra urbana nacional. Que possuindo historicamente uma aversão pela república velha e sendo muitas vezes saudosa quanto ao império, apoiaria a tomada de poder realizada por Vargas nos anos 30, além destes estarem em acordo com muitas das propostas getulistas. É neste contexto que se organizará a FNB.

Fundada a Frente Negra Brasileira - FNB em 1931, sob a Liderança de José Correia Leite, o partido tinha afiliados majoritariamente provindos da população negra urbana. Em menor escala sua influência chegou a estados como o Maranhão, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul entre outros. Contextualizada, a Frente Negra não era mais

do que a oficialização política dos princípios da imprensa negra já existente. O partido buscava a cooptação, a educação e o direcionamento de ação de protesto das comunidades negras. Não só com o apoio para candidatos negros, como organizando passeatas, desfiles, paradas etc.

O incentivo para a educação em comunidades pobres e a defesa do espaço no negro no mercado de trabalho, era desenvolvido paralelamente com a defesa de valores familiares tradicionais e nacionalistas. A Frente Negra mantinha a tradição educacional das associações negras. Era ressaltada a crítica a total falta de políticas sociais de inclusão para comunidades ex-escravas, assim como a preferência do mercado de trabalho para com a contratação de estrangeiros, seja na agricultura, seja nos trabalhos urbanos. Discurso, por vezes, beirando ao xenofobismo comum da política ocidental da época, que era comumente acusado de carregar um caráter de racismo às avessas.

O discurso da FNB era baseado em princípios integracionistas, que exaltavam a positiva contribuição negra para a formação nacional. Tendo em vista a luta contra o preconceito como uma importante contribuição para a pátria brasileira. E diferente de movimentos seguintes, a FNB não buscava realizar uma diferenciação cultural e “nem reclamava uma identidade negra específica, cultural, social ou étnica” (NASCIMENTO, 1981, p. 183). Em resumo, o objetivo da Frente Negra Brasileira era inserir o negro na sociedade brasileira, o que deveria segundo a FNB ser garantido pelas leis da época.

Entretanto o cenário político da época não colaborou para a sustentação em longo prazo da FNB. Em 1937 ela, assim como todos os outros grupos e partidos políticos do país foram proibidos e jogados na clandestinidade. Getúlio Vargas assumia de vez o comando da nação implantando o Estado Novo. A movimentação política promovida pela Frente Negra foi disseminada e relegada a desconexas ações em defesa de casos isolados de preconceito. Enquanto isso, destituída de sua ação política a FNB passou a se chamar União Negra Brasileira. Embora tenha liderado as comemorações de 50 anos de abolição em 1938, a UNB não conseguiu manter seu núcleo de trabalho, deixando de existir nesse mesmo ano. Tanto pela falta de financiamento como pela repressão política e policial, durante a ditadura do período Vargas não foi possível nenhuma organização em defesa do negro que conseguisse se equiparar a influência alcançada pela FNB. Esse quadro sofreria uma alteração apenas no período de redemocratização do país.

Concomitante à efervescência política democrática que tomou o palco no país em meados de 1945, é fundada pelas mesmas lideranças da FNB, a Associação do

Negro Brasileiro - ANB. Junto com diversos grupos políticos da época a ANB se envolveu no processo de democratização e nas constituintes da época. Outras ações em pauta pela organização era a solicitação de uma legislação penal para crimes de preconceito, além da defesa dos direitos de empregados domésticos negros, sobretudo mulheres (NASCIMENTO, 2003, p. 246).

Outra organização fundada na época, em 1944, de grande importância na defesa de políticas a favor da comunidade negra foi o Teatro Experimental do Negro - TEN. Sob a liderança de Abdias Nascimento, o Teatro Experimental do Negro teve como ação pioneira no país, não só a reivindicação de um espaço cultural exclusivamente negro, mas como a construção de uma narrativa que diferenciava culturalmente a população negra brasileira através de uma cultura africana. É a primeira vez que um movimento desta ordem reclama o direito de um “resgate” cultural das origens africanas do negro, algo em sintonia com o desenvolvimento de ideias pan-africanistas no cenário mundial.

Não diferente de outras organizações já citadas, o TEN também investia seus esforços na criação de escolas de alfabetização de negros. Uma das propostas do movimento era dar suporte a ascensão social coletiva das comunidades negras via educação e cultura (NASCIMENTO, 2003, p. 251). A posição radical de aceitar apenas atores e atrizes negros(a) em suas produções, como era de se esperar, gerou diversas críticas no meio artístico, jornalístico e social. A acusação de racismo às avessas e de simples exportação de problemas estrangeiros para a nação, também se fazem presentes nas alas mais conservadoras da sociedade da época. Críticas que, reconhecidamente, sempre acompanharam movimentos como estes durante todo o seu desenvolvimento.

Completando a ação do Teatro Experimental do Negro, o jornal *Quilombo* utilizava-se da mídia impressa para denunciar, protestar, informar etc., sobre a luta em defesa da igualdade social. Com textos voltados para o público negro, o *Quilombo* reivindicava, por meio da palavra escrita, educação e defesa ante o preconceito. Era comum a publicação de notícias com denúncias de racismo e apoio a outras pequenas organizações no interior do país. Além disso, credita-se ao TEN a organização de congressos e convenções como: a Convenção Nacional do Negro (1945-1946), a Conferência nacional do Negro (1948), o 1º Congresso do Negro Brasileiro (1950), e a Semana de Estudos Negros e o Concurso de Belas-Artes (Tema Jesus Negro), ambos realizados em 1955.

Apesar de nunca conseguir a aceitação que desejava, o TEN influenciou fortemente tanto na luta contra o racismo, quanto no cenário artístico nacional. Sua ação paralela a da Associação do Negro Brasileiro, foi dificultada na medida em que a exclusão e a falta de investimentos oprimiam os dois grupos. Em meados dos anos 60 tanto um, quanto o outro já não existiam. A falta de lideranças ou mesmo de um grupo de cooptação para a causa da luta contra o preconceito, apenas será preenchida de novo alguns anos depois no período de ditadura militar, com a fundação do Movimento Negro Unificado.

Em 1979, após a volta do exílio de várias lideranças políticas, é fundado no Brasil o Movimento Negro Unificado - MNU. A iniciativa coincide com um caso de discriminação para com alguns atletas negros em São Paulo. Aproveitando-se da comoção política, que era somada ao clima de reabertura democrática da época, nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo, deu-se o ato de fundação do MNU. Na liderança do ato estava o político e pesquisador Abdias Nascimento, também fundador do TEN e participante de outros movimentos, que na época voltava do exílio.

Concomitante a fundação do grupo é o lançamento do livro *O Genocídio do Negro Brasileiro* (1978), a obra é assumidamente um manifesto político em defesa do negro brasileiro. No decorrer do seu texto, se revelam interpretações e pautas sustentadoras dessa nova geração política identificada com a “causa negra”. Perceptível é a influência do trabalho de Florestan Fernandes na narrativa, principalmente na crítica a Gilberto Freire, que especificamente se torna mais radical.

Freyre cunha eufemismos raciais tendo em vista racionalizar as relações de raça no país, como exemplifica sua ênfase e insistência no termo *morenidade*; não se trata de ingênuo jogo de palavras, mas sim de proposta vazando uma extremamente perigosa mística racista, cujo objetivo é o desaparecimento inapelável do descendente africano, tanto fisicamente quanto espiritualmente, através do malicioso processo de embranquecer a pele negra e a cultura do negro (NASCIMENTO, 1978, p. 43).

Neste ponto se consolida a crítica de Nascimento para com a tradição de “morenização” do Brasil, nela se revelariam os desejos de branqueamento da população das elites dominantes. Outro ponto colocado por Nascimento é o caráter paternalista, no colonialista e racista “que permeiam a obra de Gilberto Freyre [e] são mais perniciosos que todo seu elenco de eufemismos” (NASCIMENTO, 1978, p. 45).

Com essa crítica, ele se coloca contrário a qualquer discurso que tenha semelhança com o mulatismo lusitano. Já que define os colonizadores brancos como estupradores, apenas interessados em explorar a população negra. Ao menos em representação, buscava-se excluir o homem branco da dianteira da luta por igualdade racial no Brasil. Com Abdias Nascimento é dado início a uma posição de que a verdadeira igualdade social apenas seria alcançada com a luta dos movimentos negros e toda a ação a favor dessa luta que sendo originária de um grupo que não fosse este, seria em princípio um ato hipócrita e paternalista.

Os princípios que moldam “O Genocídio do Negro Brasileiro”, lançam uma base de objetivos políticos que estarão na pauta do Movimento Negro Unificado durante o seu desenvolvimento. Até então, a data que mais era associada à causa negra e que mais era celebrada, era o dia 13 de maio, ou seja, a data da abolição da escravatura. Contudo, a partir de 1978, a defesa de uma nova abolição da população negra passou a ser de uma vez por todas exaltada. Desta data em diante, adotou-se nacionalmente o dia 20 de novembro como Dia da Consciência Negra. A escolha de uma figura histórica bélica (Zumbi) como representante, marca a organização de um movimento antirracista de oposição a tradição dos outros movimentos negros até então.

Essa ruptura com o dia 13 de maio indica a forma que a abolição passa a ser interpretada desde então. Por outro lado a figura de Zumbi e de Palmares permite a produção de um espírito “quilombola” de luta racial, pois o Movimento Negro Unificado buscava inspirar em seus apoiadores com a história. A exaltação da tradição quilombola de resistência escrava – assim como as novas interpretações produzidas sobre os quilombos – revelava a concepção de combate à opressão que dava sustentação às políticas do MNU.

Mais uma das iniciativas que podem ser creditadas ao MNU é o pioneirismo da política de afirmação racial. Se os movimentos negros precedentes destacavam as características positivas do negro em um sentido integracionista e nacionalista, o MNU deu início a uma diferenciação do que é brasileiro e do que é negro. Carro chefe das propostas do grupo é a defesa do direito e do orgulho em “ser” negro. Neste sentido, o ato de distinguir o indivíduo negro vai mais longe do que os simples quesitos de cor, ela engloba as características culturais e sociais que este carrega. A autoafirmação, ou seja, o ato de se “assumir” negro, seria o único modo de se combater o processo de branqueamento. Esta posição é completada com a responsabilidade dada a este

indivíduo negro de proteger a negritude de sua cultura e de sua comunidade, principalmente diante da pressão híbrida do morenismo.

Algo que corrobora isso era a exaltação, também pioneira, da beleza negra. Com o Movimento Negro Unificado, o *look* negro recebe grande destaque. Os cortes de cabelo tradicionalmente africanos, maquiagens, roupas etc., qualquer tipo de acessório que indicasse ou simbolizasse uma característica cultural africana, mesmo que fora de contexto ou significado, era válida para esse discurso de vaidade. O desejo era defender uma raiz cultural africana e colaborar para a autoestima do negro. Esta questão mostra a mudança de uma luta que busca a inclusão positiva do negro na cultura e história brasileira, para o destaque exatamente das suas características únicas e diferentes.

Dada a contínua atividade do MNU e sua característica descentralizadora capaz de angariar apoio de diversos meios políticos, ele apenas cresceu nos anos seguintes a sua fundação. Fato evidente pela sua atuação e sua importância na política contemporânea. A adoção oficial do Estado brasileiro da data de 20 de novembro, a única data comemorativa prevista constitucionalmente no Brasil, como Dia da Consciência Negra e mais recentemente como Dia de Zumbi, dão pistas de sua importância. Iniciativas recentes, tais como as cotas universitárias, são também algo a ser considerado neste sentido.

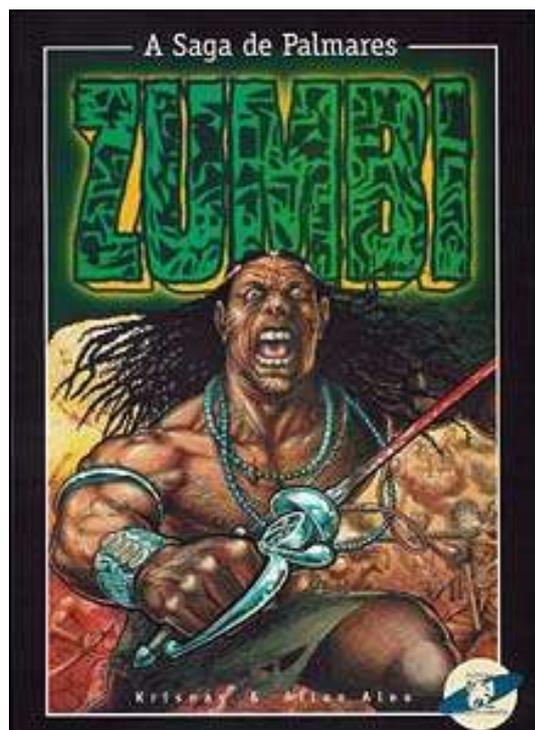
#### *A Construção do herói em: Zumbi – A saga de Palmares*

Qual é o relato sobre Zumbi dos Palmares considerado verdade atualmente? É esta questão a que nos propusemos responder nesta análise. Como modo de exemplificação iconográfica do novo herói, é analisada aqui a história em quadrinhos “Zumbi – A Saga de Palmares”, obra publicada no começo do Governo Lula, que apresenta de modo resumido e objetivando leitores infanto-juvenis, o discurso atual sobre Zumbi que deu embasamento a algumas das ações governamentais antirracismo no Brasil.

#### *A Obra*

A história em quadrinhos “Zumbi - A Saga de Palmares” foi Lançada no dia 20 de novembro de 2002 (Dia da Consciência Negra), pela editora Marques Saraiva, marcando a data de comemoração de 307 anos da morte de Zumbi. Com o formato 21 x

29 cm e possuindo 48 páginas coloridas, o quadrinho foi realizado pelo experiente roteirista Antonio Krisnas e o desenhista Allan Alex. O álbum seria acompanhado mais tarde por outro trabalho de Alex com o roteiro de Carlos Eugênio Patati, *O Segredo da Jurema* (2002). Os dois trabalhos fazem parte de uma coleção de quadrinhos publicados pela Marques Saraiva com o título *Brasileiros*. A coleção teria o objetivo de retratar personagens e eventos clássicos ou esquecidos da história brasileira.



1 – Fonte: Zumbi – A Saga de Palmares, capa; por Sidney Gusman (20/11/2002).

Destacando-se de uma cena de feroz batalha, surge a figura de um homem negro de cabelos compridos, que empunhando uma espada coberta de sangue, se prepara para avançar. Acima da cena, letras verdes e amarelas destacadas identificam seu nome: “Zumbi”. Esta foi uma descrição da imagem escolhida como capa do Álbum “Zumbi - A Saga de Palmares”. A obra colorida com crayon dá destaque para as formas dos desenhos dificilmente igualadas por outras HQ’s. As cores também deram destaque para as cenas de luta, onde o vermelho vivo do sangue foi pintado em destaque, com liberdade de linhas e contornos. A história, assim como a maioria dos quadrinhos do gênero, é direcionada a um público jovem entre 12 e 20 anos. Corroborando a história são incluídos em suas páginas uma apresentação de Joel Rufino dos Santos e Nei Lopes.

Apesar de o título destacar a figura de Zumbi, não é simplesmente sua biografia que é retratada no quadrinho. De fato, o enredo não se fixa na história de alguns personagens, ela tem um intento muito maior do que o de retratar uma narrativa de curto espaço temporal. Indo e voltando diversas vezes entre as épocas e contextos, a história tem como tema geral apresentar os quilombos de Palmares, sua formação, seus principais líderes, assim como o contexto cultural e social da época colonial brasileira. Para este intento, a narrativa descreve aspectos do surgimento da escravidão de africanos, o tráfico para o Brasil e os modos de relação entre senhor e escravo. É contínua a associação dos aspectos culturais e das relações escravocratas brasileiras do período colonial com características sociais de hoje. Para isso a narrativa faz um contínuo jogo de “vai e vem” temporal, em que as datas exatas perdem o sentido diante do tema da resistência e luta contra a opressão. É visível também a influência do filme de Cacá Diegues “Quilombo” na organização narrativa da obra.

De modo geral, a forma sequencial dos quadrinhos da obra se organiza através de três meios básicos de transição: transição de ação-para-ação, tema-para-tema e cena-cena. Uma divisão de temas de quadrinhos que aproxima a obra da tradição norte-americana de quadrinhos (MCCLLOUD, 1995, p. 70-72). Esse modo de narrativa também dá destaque para cenas de ação e propicia a utilização de diversos espaços e módulos temporais de narrativa. Compreende-se que uma história em quadrinhos é mais do que a simples união de desenho e escrita, mas que ela possui uma narrativa própria e complexa. Uma linguagem apresentada em um modo de arte sequencial deve ser analisada tal como é, uma narrativa que utiliza de imagens gráficas, onde não há hierarquia entre o desenho e a escrita. Entretanto, não sendo este um trabalho de análise de quadrinhos, só nos é interessante estes aspectos da obra no sentido de facilitar nossa análise.

A descrição da cultura e religião africana encontrada na história recebe um destaque interessante. Apresentando um panteão de orixás negros, todos retratados de modo a expressar poder, beleza e glória. Insiste-se na importância da cultura da “mãe África” na constituição de Palmares e na luta contra o domínio racial. O retrato histórico apresentado sobre a África associa a relação desta com o início da civilização humana, das primeiras sociedades (destaque para o Egito) e do início da exploração europeia no continente. Dando continuidade, Palmares é retratado similarmente com outras sociedades africanas. Seu foco em figuras de liderança do Quilombo, como a princesa Aqualtune, Ganga Zumba e Zumbi, busca construir uma história da nobreza palmarina.

Devido aos vários momentos trabalhados pela narrativa, esta foi dividida em diversos capítulos que acompanham alguns personagens principais. A narrativa tem início nos arredores de uma das vilas de Palmares – o Quilombo de Malungo - em um diálogo entre dois jovens amigos, Camoanga e Timberê. São destacadas nestes dois personagens suas características de afro-descendente (Camoanga) e indígena (Timberê). Curiosos sobre as suas origens, os dois, seguidos por outras crianças, pedem para o velho sábio Gongá que lhes conte histórias sobre a África. Através de invocações religiosas, Gongá inicia o seu relato sobre a história africana, é neste momento que se inicia outro capítulo; “Mãe África”.

Através da narrativa de Gongá, uma síntese da história africana começa a ser construída a partir do surgimento do homem. Relacionando tribos humanoides africanas lutando contra dinossauros e o início das organizações sociais humanas com o trabalho de homens negros, passamos para uma descrição de reinos africanos negros como o Egito, o reino Kush, o reino do Congo, do Mali e de Axum. Dando continuidade ao relato da nobreza africana, se inicia a descrição dos orixás yorubás em toda a sua glória e poder. Tal é a grandiosidade da África que é apresentada por Gongá, que Camoanga questiona como logo estes foram feitos escravos. Em resposta, o sábio lhe conta sobre a chegada dos portugueses a África, o modo como o povo negro foi traído por estes e como foram escravizados.

Finda a narrativa de Gongá, a história salta alguns meses quando o Quilombo de Malungo é atacado por um grupo de bandeirantes. Presos em uma emboscada Camoanga e Timberê são salvos graças à miraculosa aparição de Zumbi e seu grupo. Depois de afugentar o pequeno bando, Zumbi e os outros percebem que o quilombo está sob ataque de outro grande grupo de bandeirantes. Zumbi e companheiros iniciam uma batalha para defender os habitantes do quilombo, de novo eles conseguem dispersar os inimigos. Entretanto, diante das diversas perdas da comunidade, Zumbi e Gongá decidem que todos se encaminhem para a segurança do Quilombo do Macaco – a capital de Palmares. E com esta última cena se fecha o capítulo.

O seguinte capítulo, intitulado de “As origens da Escravidão”, se desenrola parte na Europa e parte na África. Retratando as maquiavélicas origens da escravidão e das grandes navegações, o relato destaca a ambição dos reinos europeus, principalmente de Portugal e dos Reinos Papais. Numa descrição que caracteriza todo o processo de tráfico de povos negros como uma diabólica maquinação de homens brancos, os negros são retratados como vítimas da traição dos primeiros navegantes europeus.

O capítulo sobre a escravidão é seguido por outro: “A Escravidão no Brasil”. O relato sangrento do tráfico de escravizados para o Brasil é similarmente exposto como um ato de desumanidade e opressão aos povos africanos. Finalizada essa descrição geral dos aspectos da escravidão brasileira, a narrativa se concentra na história de alguns personagens. A primeira delas é a da princesa Aqualtune.

A forte e sensual princesa, assim que é trazida ao Brasil organiza uma rebelião e uma fuga de escravos junto com seus companheiros escravizados, entre eles indígenas com domínio do terreno das selvas. Em uma cena em que Aqualtune seduz e depois mata um dos escravistas, a batalha pela liberdade se inicia dando origem a uma fuga de escravos, que graças ao apoio de nativos se organizam na selva tropical. Nas proximidades da Serra da Barriga, se organiza os diversos quilombos que formaram Palmares. O mapa de Palmares nos é apresentado em sua maior extensão. Destaque para a reação dos senhores de escravos que mescla desdenho e medo. Passados alguns anos desde a fundação do Quilombo, a narrativa descreve as origens de Ganga Zumba.

No meio de uma roda de capoeira, Ganga Zumba é chamado por Aqualtune, sua mãe, para aprender sobre a arte de governar. Logo ele é descrito como o poderoso rei eleito de Palmares. Então se inicia o relato das origens de Zumbi. Este surge como um bebê retirado de uma pilha de cadáveres de quilombolas. Poucado por seus algozes, o menino chamado Francisco é criado por padres até que foge para Palmares e pelo próprio Ganga Zumba é nomeado, Zumbi. Logo que cresce, Zumbi se torna um guerreiro tão poderoso quanto era Ganga Zumba.

O último subtítulo é intitulado “Sombras sobre palmares”, e se inicia em meio a um complô de escravistas para destruir Palmares. Sequestrando parentes de Ganga Zumba, o governo brasileiro obriga o líder de Palmares a assinar um contrato de paz. Em tempo de participar dos debates, Zumbi discute com Ganga Zumba e o acusa de traição, a liderança do Rei é posta em cheque e muitos não o seguem para os territórios dados a ele pelo governo.

Dá-se início a um novo capítulo como o título de “Cucaú – O Anti-Palmares”. Nas novas terras, Ganga Zumba e seus seguidores são traídos, mortos ou escravizados, enquanto isso, Palmares sobrevive sob a liderança de Zumbi. O governo tenta negociar também com Zumbi, mas diante da negativa, contrata o selvagem bandeirante Domingos Jorge Velho. Um novo exército ataca as muralhas de Palmares, mas não conseguem tomar a comunidade. Jorge Velho manda que seu exército recue e prepare os canhões, o capítulo termina.

O último capítulo da obra intitulado de “A Batalha Final” continua o relato do ataque a Palmares. Os quilombos são destruídos graças aos canhões de Jorge Velho. Encurralados entre o fogo e um penhasco os quilombolas são mortos. A notícia se espalha e o governo comemora a morte de Zumbi, mas Jorge velho desconfia que o líder palmarino ainda esteja vivo. Logo se prova que o bandeirante estava certo, Zumbi e companheiros, entre eles Gongá, Camoanga e Timberê se refugiam na selva. Mas estes são rapidamente descobertos, enquanto que Zumbi é cercado e morto. Apenas os dois Jovens e o velho sábio sobrevivem.

A narrativa termina numa favela contemporânea, onde um velho similar a Gongá conta esta mesma história para um grupo de crianças onde se destacam dois jovens, também muito parecidos com Camoanga e Timberê. Satisfeitas com o relato, as crianças saem pelas ruas cantando e agradecendo a luta de Zumbi pela liberdade.

### *O Herói*

No meio da selva, onde a pouco não havia nada, surge Zumbi com sua espada e sua garrucha em punho. Tal como um herói moderno, o bravo salva os dois jovens quilombolas que haviam sido encurralados por vilões. Saltando e lutando com os bandeirantes, Zumbi brada a todos: “Ninguém é escravo em Palmares. Esta é a terra da liberdade!” (KRISNAS e ALEX, 2002, p. 20). Graças à providência de sua ação é que os inocentes agradecidos são salvos. O Zumbi dos quadrinhos é sem sombra de dúvidas um herói; invencível, forte, corajoso, nobre, Zumbi nunca erra, jamais foge e nos poucos momentos em que é derrotado o fato é graças a uma traição ou emboscada criminosa.

A especificidade da narrativa de “Zumbi – A Saga de Palmares” é a associação visível da figura histórica com outros heróis em quadrinhos. Ao invés de dar ênfase ao papel histórico de Zumbi, suas relações com outras personalidades, e até mesmo na sua vivência em Palmares, a história o apresenta apenas como um herói. De fato, tal é aproximação dos personagens com outros heróis de quadrinhos que, não seria exagero, dizer que nesta obra Zumbi é um super-herói. Diversos elementos em sua caracterização no quadrinho justificam essa interpretação, entre elas o modo como este é desenhado.

Allan Alex, o desenhista da obra, constrói um novo Zumbi que se diferencia de interpretações clássicas que retratam um homem de meia idade, expressando força, sabedoria e calma, tal como representado na famosa estátua de Zumbi na Praça da Sé

em Salvador. Nesta nova versão, ele é um jovem guerreiro, forte como um Hércules e usando botas de couro. Zumbi possui os cabelos compridos e enfeitados, em seu rosto aparecem marcas de escarificações tribais, ele carrega consigo colares de conta e um colete de couro tal como o de um bandeirante. Apesar de possuir outras armas, sempre é retratado lutando com uma espada e uma garrucha. Curiosamente, a vestimenta de Zumbi e de Domingos Jorge Velho pouco se diferenciam, tendo o bandeirante o mesmo colete, botas e armas. O físico de Zumbi também, digno de um super-herói, apenas é igualado ao de Ganga Zumba.

Além da aparência, todos os diálogos de Zumbi destacam sua característica heroica. Todas as falas ditas por Zumbi expressam a nobreza de suas intenções e a imperiosidade de seus desejos. Em nenhum momento de seus diálogos o herói faz um pergunta, revela alguma insegurança ou, ao menos, demonstra medo. Suas ordens são sempre seguidas e, excluindo-se dois quadros onde este é ainda uma criança, Zumbi não pede conselho ou assume uma posição de submissão a ninguém.

Na ocasião de debate entre Ganga Zumba e seus conselheiros sobre realizar ou não o tratado de paz com o governador, Zumbi confronta a palavra do rei. Comandando o grupo de quilombolas refugiados do Quilombo do Malungo, o herói se espanta com as discussões e acusa Ganga Zumba de traição. Depois de uma violenta argumentação entre os dois, o rei de Palmares revela o seu cansaço na luta pela liberdade. Ganga Zumba perde seu poder e ao lado do quadrinho em que este é traído e envenenado, Zumbi é retratado tomando a liderança de Palmares. É perceptível a relação da atitude de Ganga Zumba com a sua traição e morte, sua fraqueza e incapacidade de continuar na “luta pela liberdade” com a sua perda de título de líder de Palmares.

Na batalha final de defesa de Palmares, se passa a mais próxima demonstração do herói de tristeza. Sem explicações maiores, Zumbi procura por sua Dandara - uma mulher que se encontra ferida em meio aos destroços - que morre em seus braços provocando uma onda de fúria no herói. Palmares é destruída, de repente Zumbi surge dos mortos e continua lutando. Em seu último diálogo com Camoanga, ele ordena que fujam e continuem com a luta de Palmares. Em sua última aparição, ele é traído pelo mulato Antônio Soares, que com marcas de tortura e extremo desespero o ataca. Zumbi é cercado e não mais se dá sequência a cena.

Muito representativo é a morte de Zumbi não ser retratada como foi a de Ganga Zumba. Krisnas e Alex evitaram retratar a morte do herói, revelando o desconforto com o relato de derrota da figura. Há algo de essencial neste fato que nos mostra a

interpretação dada pelo quadrinho a Zumbi. Tradicionalmente, é destacado o papel de Zumbi como mártir da liberdade, porém o Zumbi do álbum é mais do que isso, ele é um *super-herói*. E o aspecto mais marcante de um super-herói de quadrinhos é a sua aparente imortalidade, este nunca é morto por nenhum inimigo.

A associação de Zumbi com os herói dos quadrinhos produziu um problema para a história, devido à bibliografia trágica da figura histórica. Entretanto, esse problema foi resolvido justamente pelo fato dos autores não retratarem a morte de Zumbi. Em seguida ao quadro em que Zumbi é cercado, o Jovem Camoanga brada; “Juro por Zumbi de Palmares que prosseguirei a sua luta pela liberdade!!” (KRISNAS e ALEX, 2002, p. 47). Ao associar a mensagem de “luta pela liberdade” com a memória de Zumbi, os autores conseguem minimizar o fato de sua morte defendendo a sua imortalidade na ideia de resistência a opressão.

### *Construindo uma identidade*

A crise da pós-modernidade nas diversas áreas de pensamento humano deflagrou algumas discussões já existentes no próprio projeto da sociedade moderna ocidental. Questionamentos quanto à própria essência do que é o “ser”, sua individualidade e, por que não, sua identidade. A forma ocidental moderna de ver o mundo, pautada pela crença na existência de nacionalidades definidas por meio de territórios, raças etc., veio abaixo com trabalhos que colocaram em cheque a consistência do “ser”.

Aceita a noção de que o “eu” moderno é fruto de um processo que se deu na Europa ao longo de sua formação (MAUSS, 2003, p. 390-397), não tardou a se ver já no século XIX, por meio de trabalhos que desassociam dos estados nacionais o domínio das identidades. Seja via o socialismo metódico de Marx, a psicanálise de Freud (depois revista por Lacan), o estruturalismo linguístico de Saussure ou os movimentos feministas que abriram espaço para diversos outros movimentos contestatórios; foi que se construiu o projeto de uma “crise de identidades” (HALL, 2003, p. 34-46).

A descentralização do sujeito retira do Estado a sua suposta hegemonia na construção das identidades. Mas não elimina a necessidade ou a simples existência de identidades. Se por um lado a globalização acelerou as relações de troca entre “centro” e “periferia”, sua alteridade desigual também produziu movimentos locais de resistência às mesmas mudanças (HALL, 2003, p. 80-83). Se por um lado foi desestabilizada a

hegemonia das nacionalidades como identificadoras do sujeito, se propiciou no mundo pós-moderno o reforço de discursos comunitários sobre identidade. No caso, trata-se da questão étnica.

Se a etnia passa a ser considerada relevante na formação identitária de um indivíduo, esse processo é perceptível também em outros módulos de distinção dos sujeitos. A perda do antigo significado que as nacionalidades possuíam, acarretou na ascensão de identidades relacionadas à religião – seja católica, muçulmana, judaica etc. -, gênero, estados, cor entre outros modos reais ou inventados de distinção. Mais do que isso, as identidades se tornam plurais no sentido em que uma pessoa se relaciona com mais de uma comunidade ou grupo, assimilando posições políticas, formas culturais e sociais. Nesse cenário a negociação entre as diversas identidades do sujeito nunca tem um fim e o destaque dado a um modo de distinção é apenas relativo ao momento em que se encontra o indivíduo. Mesmo os antagonismos entre as identidades produzem relações contínuas, ou seja, “elas frequentemente se deslocam entre si” (HALL, 2003b, p. 346).

A associação da identidade com a etnia, o gênero, as variações culturais etc., como processo global é paralelo a reorganização de movimentos antirracismo no Brasil. Especificamente, o MNU é fundado em um momento em que já se repensava o papel da cultura étnica na formação das identidades pós-modernas. Assim, é natural o peso dessas novas interpretações na contemporânea constituição dos objetivos do movimento. Atentando-se para a influência política e intelectual de movimentos pan-africanistas, como para óbvias continuidades encontradas no MNU para com o trabalho de teóricos brasileiros e de outros movimentos de mesmo caráter antirracista organizados previamente. A crença em um valor cultural relacionado à etnia é inegavelmente encontrada nas propostas políticas dos movimentos antirracismo brasileiros contemporâneos.

Considerando a descentralização política do MNU, é perceptível uma unidade quanto à interpretação sobre o que representa a identidade negra. Desse modo, pode-se dividir a ação do MNU em três eixos, “a primeira de natureza cultural; a segunda religiosa; e a terceira de natureza política” (ADESKY, 2001, p. 157). Considerando o primeiro e o segundo eixo como tendo sido profundamente influenciados por movimentos como o *Négritude* de Senghor, Césaire e Damas e com movimentações pan-africanistas. Enquanto que a ação do MNU de natureza política, na medida em que influenciada pelas concepções de identidade do grupo, assim como colocada numa

posição de continuidade com anteriores organização antirracista no país, é pautada por objetivos políticos inspirados nos movimentos civis e antissegregacionistas norte-americanos.

Em terceiro lugar, no caso da religiosidade e no suposto resgate de tradições africanas, se percebe uma preferência a religiões que teoricamente melhor preservaram estas mesmas raízes. Revelando um desconforto do movimento para com a defesa de grupos religiosos que apresentem maior “grau” de sincretismo, ou seja, que podem ser associadas a um maior número de identidades do que simplesmente a negra.

Essa negação do hibridismo religioso, mesmo que justificado como uma ação de resistência contra o inegável sentido branqueador da miscigenação brasileira demonstra o desinteresse do MNU de lidar ou aceitar a existência de outras identidades relevantes além da étnica. A própria fundação de movimentos como o Fala Preta! ou o Geledés, que se propõem a uma defesa da mulher negra, revela a insuficiência do MNU de discreter sobre outras identidades que não a do homem negro.

Dando embasamento ao resgate cultural da negritude proposto pelo movimento, está a busca por uma África original. Nos moldes de uma interpretação originariamente exterior à África, o que aqui no país passa a ser denominado como representativo da própria noção de africano, é na verdade apenas uma das Áfricas existentes como expressão cultural. No caso, a adoção de culturas de origem Banto, principalmente a cultura Yorubá, está mais relacionada às necessidades e proximidades da cultura afro-brasileira com as mesmas, do que com a influência Banto no continente africano. Embora sejam evidentes as fragilidades em se construir uma identidade embasada em uma noção de cultura negadora do sincretismo, mais e mais é associada essa mesma noção de cultura africana com a identidade negra brasileira.

O resgate da cultura afro-brasileira, além de suas vertentes antropológicas (principalmente quanto a manifestações religiosas), é realizado em grande medida por pesquisas históricas. A iniciativa de reescrever a história da escravidão e o papel dos escravizados no Brasil, não é recente, faz parte do desenvolver do último século. Porém, atenta-se para o fôlego dado a pesquisas sobre movimentos quilombolas nas últimas décadas. A necessidade de reescrever a história das revoltas de escravos e de organizações quilombolas do período escravocrata do país, parte do intento de associar esses mesmos movimentos com posições políticas antirracismo atuais. Como figura mais representativa dessa onda de estudos, encontram-se Palmares e seu líder.

Uma intenção dos objetivos dessas iniciativas é uma reconstrução da memória histórica brasileira. A revisão histórica das situações de resistência, objetiva construir uma nova memória coletiva, que em relação com as memórias individuais fundamentariam uma reconstrução da identidade negra. Não esquecendo os antagonismos produzidos por essa relação entre esses dois módulos de memórias onde, como descreve Maurice Halbwachs,

ele [o indivíduo] seria capaz, em alguns momentos, de se comportar simplesmente como membro de um grupo que contribui para evocar e manter as lembranças impessoais, na medida em que estas interessam ao grupo (HALBWACHS, 2004, p. 57).

Relação entre sujeito e memória histórica associada não mais à nação, mas sim à etnia. A história, tendo por sua vez, o papel de justificar as formas de existência do grupo no presente, propiciando a crítica ou o elogio, assim como também os esquecimentos. No específico exemplo de Palmares as interpretações produzidas sobre o Quilombo, longe de buscarem uma verdade histórica, propõem na própria constituição de sua narrativa um discurso fundamentador de uma análise da época atual. Onde são inerentes os anacronismos, a imputação de significados e interesses originariamente atuais aos personagens históricos.

É no sentido de representação que surge a presente iconografia de Zumbi. O mítico defensor de Palmares, quando associado aos movimentos de luta contra a opressão ou “luta pela liberdade”, sendo estas lidas como lutas antirracistas. É transposto de figura histórica para signo máximo da resistência do negro para com o explorador (o homem branco). De possível homem real e histórico, Zumbi se torna um símbolo, uma bandeira; estandarte de uma luta moderna. O que caracteriza tanto uma oposição a uma cultura híbrida elitizada, como coloca a identidade negra no plano do simbólico, diante da impossibilidade pós-moderna de uma continuidade infinita das identidades (BAUMAN, 2007, p. 40-53).

A mudança da posição historiográfica de Zumbi, que de *thief* do Brasil colônia, passa para a de representante de uma luta de resistência histórica do negro escravizado e oprimido para com o opressor branco, revela as alterações nas análises sobre o racismo brasileiro da metade do século XX em diante. Principalmente a caracterização de Palmares como uma metáfora de democracia ou socialismo em tempos de ditadura (os trabalhos de Décio Freitas estão inegavelmente associados a essa mudança).

Todavia, o Zumbi dos quadrinhos aqui trabalhado, nos mostra uma alteração ou, quem sabe, uma evolução dos significados impostos ao personagem. Na história em quadrinhos, Zumbi luta pela liberdade como ideia universal, a luta dos quilombolas e sua resistência, pode ser associada à luta de todos os grupos que sofrem ou sofreram com a repressão. Zumbi é tanto um herói racial, como se transforma em um herói das minorias (FRANÇA; FERREIRA, 2012, p. 131).

Daí advém, a necessidade de transformá-lo em super-herói, de lhe retirar falhas de caráter ou fraquezas humanas. Zumbi se torna o mito fundador da luta do homem negro contra os opressores. Se por um lado a constituição do mito do invencível herói de Palmares é representante de uma construção moderna da identidade negra brasileira, ela se afasta cada vez mais de uma visão histórica do mesmo, do seu contexto de existência e seus significados para a sua época. De modo que o seu significado histórico desmancha-se em meio aos ventos produzidos pelos anacronismos de seu atual valor político simbólico.

### **Referências bibliográficas**

- ADESKY, Jacques d'. *Pluralismo étnico e multiculturalismo: racismos e anti-racismos no Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, 2001, 246 p.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2007, 210 p.
- CALLARI, Cláudia Regina. Os Institutos Históricos: do patronato de D. Pedro II à construção do Tiradentes. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 21, nº40, 2001, p. 59-83.
- CAMPOS, Deivison M. C. de. A resignificação de Palmares: uma história de resistência. In: SILVA, G. F. da; SANTOS, J. A. dos; CARNEIRO, L. C. C. (Org.). *Rs negro: cartografias sobre a produção do conhecimento*. Porto Alegre: EDIPURCS, 2008, p. 231-245.
- FRANÇA, Jean Marcel Carvalho; FERREIRA, Ricardo Alexandre. *Três Vezes Zumbi: a construção de um herói brasileiro*. São Paulo: Três Estrelas, 2012, 167 p.
- GUIMARÃES, Antônio Sérgio A. *Classes, raças e democracia*. São Paulo: Ed. 34, 2002, 231 p.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004, 197 p.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7. ed Rio de Janeiro: DP&A, 2003<sup>a</sup>, 102 p.
- HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003b, 436 p.
- KRISNAS, Antonio; ALEX, Allan. *Zumbi – A Saga de Palmares*. Rio de Janeiro: Marques Saraiva, 2002, 48 p.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003, 535 p.
- MCCLOUD, Scott. *Desvendando os quadrinhos*. São Paulo: Makron, 1995, 215 p.

NASCIMENTO, Abdias do. *O Genocídio do Negro Brasileiro: processo de um racismo mascarado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, 184 p.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. *Pan-africanismo na América do Sul: emergência de uma rebelião negra*. Petrópolis: Vozes, 1981, 282 p.

\_\_\_\_\_. *O sortilégio da cor: identidade, raça e gênero no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2003, 412 p.

Artigo recebido em 15/12/2012. Aprovado em 28/01/2013.